

O SANTO NADA SANTO: ANCHIETA BARROCO-ESPANHOL

Samuel Anderson de Oliveira Lima
Letras - PPgEL – UFRN

Resumo: A poesia espanhola de José de Anchieta representa um marco para a literatura brasileira e universal, uma vez que cria um universo de contraste entre os dois mundos - o Velho e o Novo; traduz em terras ameríndias a concepção de utopia criada pelo Velho Mundo. Anchieta, o pés-ligeiros, é entendido pela maioria da crítica como o poeta religioso, o "santo" que poetou apenas a serviço da Igreja. No entanto, seu texto poético revela um Anchieta nada santo, um homem, que mesmo a serviço da Igreja Católica, foi poeta. Fez com que a poesia estivesse acima das prerrogativas católicas, a poesia ali é mais. Nosso trabalho apresenta uma leitura desse corpus poético no intuito de contrapor a idéia de ser sua poesia apenas religiosa, ali podemos ver o processo construtivo do ato poético, iluminado pelas concepções barrocas. Barrocas justamente por essa fusão dos dois mundos.

Palavras-chave: Poesia; Anchieta; Espanhol; Barroco.

História de Anchieta

Vede o Santo Anchieta,
o Santinho corcós
de roupeta preta,
posto em oração,
erguido nos ares,
acima do chão!

Vede Anchieta, o Santo,
como o céu descreve
com tamanho encanto
que o índio quer trocar
depressa este mundo
por esse lugar!

Vede o Santo Anchieta,
o Santinho corcós,
de roupeta preta
como vai e vem

por entre as aldeias
a salvar alguém.

Vede Anchieta, o Santo,
a tratar das chagas,
a enxugar o pranto
do índio sofredor,
a aprender-lhe o idioma,
a ensinar-lhe amor.

Vede o Santo Anchieta,
o Santinho corcós
de roupeta preta
com os seus costumes:
que cantos! que danças!
que tempo feliz!

(Cecília Meireles. *Anchieta, Vida e Pensamentos*)

O poema de Cecília Meireles *História de Anchieta* quer narrar a história do poeta no seu trabalho de catequização no Brasil, tanto que em cada uma das cinco estrofes o poeta é exaltado como o *santo*. Mas além de fazer menção ao trabalho de Anchieta enquanto catequista, o poema apresenta outros de seus atos que vão assim evidenciando algo que suplanta o trabalho catequético, algo que vai marcar a vida dele enquanto poeta muito mais do que catequista. Isso pode ser visto, por exemplo, na quarta e quinta estrofes, precisamente nos versos “a aprender-lhe o idioma” e “com os seus costumes: /que cantos! que danças!”, aqui o poema apresenta o olhar do jesuíta

Anchieta para o conhecimento profundo do índio, querendo aprender o idioma indígena, observando seus costumes. Percebe-se o trabalho do poeta mais do que do jesuíta.

A poesia enquanto arte não pode surgir do nada, do vácuo, de uma mera inspiração, mas na verdade vem de uma ordem, é uma educação poética. É necessário rigor (conhecimento) na construção da poesia. Alguns críticos da obra anchietana categorizam sua poesia apenas como religiosa, catequética, que está a serviço da Igreja Católica. No entanto, há de se perceber que o inverso ocorre: a religião serve de veículo para a poesia, Anchieta trabalha temas diversos, mistura o santo e o profano, o branco e o índio, o Velho e o Novo; seus textos são construídos a partir de imagens sígnicas que só quem sabe, consegue entendê-las. O estilo, a métrica, ou seja, a forma como seus textos foram escritos denunciam a arte da poesia; o jogo de palavras, as metáforas, as metonímias, as antíteses, tudo isso preenche a poesia anchietana, não só a que está em língua espanhola mas as que estão em outras línguas bem como seus sermões, suas cartas, seu teatro. A poesia (arte) incorpora todos os textos anchietanos.

Solitário no seu quarto Anchieta se debruça na produção lírica nas duas línguas mais significativas talvez para ele; o português por ter sido a língua do colonizador, no qual ele se tornou, de qualquer forma, era a língua da dominação; o espanhol por ser a sua língua mãe, que desde o berço aprendeu no seio familiar. Escrever em língua espanhola e nos últimos momentos de seu labor, trancado em seu recanto, denota um tom nostálgico. Anchieta busca sua origem. Nesse sentido a língua espanhola se torna um elo entre o passado e o presente na vida do poeta, ela o aproxima mais das Canárias. Por outro lado, há nesse contexto de produção, talvez inconsciente ou muito consciente da parte dele, a idéia de uma produção com fino rigor por meio de língua espanhola. Com isso, Anchieta traz a cultura da Espanha mostrando àquele povo as particularidades da língua, do povo europeu, mesmo que ele não parasse para explicar nada, pelo menos até onde se sabe. Sendo assim, por tudo isso está o centro, a literatura. O povo tomava contato por meio das poesias em espanhol de um novo mundo. Os poemas de Anchieta são formados a partir da experiência do poeta desde as Canárias, passando por Portugal e aqui no Brasil. Aqui ele *absorve* o índio em sua essência e o conduz na lógica poética. As *línguas poéticas* – português, latim, tupi e espanhol – não são agora somente línguas, mas adquirem outro plano, saem da horizontalidade para a verticalidade, ou mais, transitam entre os dois planos.

Os poemas em espanhol de José de Anchieta trazem determinadas singularidades que motivaram o seu estudo, como por exemplo, ser a língua mãe do poeta, foi nela que ele aprendeu a versejar e no mesmo sentido, ser a língua do colonizador, do dominador que transpassa as barreiras da geografia e vai de encontro ao índio, objeto de dominação. É claro que a língua portuguesa era a língua do país que *colonizava* o Brasil, mas em se tratando de Anchieta e fazendo-o assumir a noção de colonizador, não só o jesuíta, a língua espanhola se torna a língua do colonizador, nessa perspectiva. Um detalhe importante é que os textos em espanhol somam uma maior quantidade, o poeta se dedicou mais aos poemas na sua língua materna.

Anchieta é poeta em qualquer uma das línguas, contudo nos parece que em espanhol o artista se destaca mais pela construção de imagens, pelos temas, pela fusão das culturas no poema, pela sonoridade dos versos – quase beirando o som dos tambores nos rituais antropofágicos dos índios. O poeta canarino fez-se índio também e com isso rasgou o véu erguido pela Igreja; isso só foi possível com a poesia, porque a poesia não tem raça, não tem tribo, não tem partido, ela é universal, está acima dos homens, no plano divino, por vezes.

Dizer que o texto poético de Anchieta é religioso não está errado, pois no estudo de sua vida vemos que durante um terço dela ele esteve a serviço da Igreja. Tudo nos seus escritos denota uma propensão a um tom religioso. O que se questiona, entretanto, é que pelo fato de ter a religião como plano de fundo, isso não descaracteriza sua poesia. Na verdade, a deixa bem mais literária, ou seja, a religião aqui é mais um artifício, o que está por trás é a forma da construção desse texto. A bíblia inspira todos os autores barrocos, assim Anchieta faz paródia com o texto bíblico, mas é uma paródia evocativa. Na há tanta ironia. Ele evoca e ao mesmo tempo pondera a ironia. Anchieta mostra claramente a deglutição da cultura indígena, *anti-deítica*, selvagem no seio da religiosidade católica. Os santos, os diabos, os anjos, tudo são os índios; as músicas sacro-santas são agora o canto da índia que mata o filho para com sua carne salvar o marido enfermo¹. É uma mistura, um amálgama. O texto poético consegue unir elementos a princípio díspares e essa disparidade se transforma em unidade, pois o elemento é o novo, o diferente. Quem promove tudo isso é a poesia. Dessa forma, Carlos Díaz (1998, p. 39-40) atesta:

Todos los versos de Anchieta son por pura lógica, de materia religiosa toda vez que su escritura viene condicionada por su personalidad de docente y misionero; no obstante, aunque en su huerto poético sólo hay lugar para las flores espirituales, Anchieta es un diestro amañador de conceptos y un ágil versificador que se nutre del abandono de la tradición profana: los poetas del Cancionero le sirven los núcleos líricos y las paradojas conceptuales de la vida, muerte que también aprovecha los autores místicos.²

O texto de Carlos Díaz nos dá a informação precisa sobre o caráter religioso da poesia anchietana e também acrescenta a idéia de que Anchieta tem influência dos Cancioneiros Medievais para sua produção, do que se conclui que o poeta buscou as fontes profanas para construir as ditas *santas*. Nesse aspecto, não se pode afirmar que sejam apenas religiosas as poesias de Anchieta ainda que tragam as figuras da religião como Cristo, Maria, Deus etc.; o que ocorre na maioria dos textos é a inversão dos papéis, os santos se tornam pecadores, não se define ao certo o que é santo e o que é profano, um cisma ideológico provocado somente pela poesia. Mesmo sabendo que a poesia deste homem era feita para ensinar não podemos dizer que ele era só didático; além da religião há mais.

Criava-se portanto uma nova cultura, como vem sendo discutido; a língua, os costumes, as comidas, a literatura, tudo era novo, fruto do confronto entre as duas culturas. E são as poesias o mecanismo de propagação disso e elas são profundamente marcadas de Brasil. É notório que nos poemas de Anchieta se percebiam as marcas da terra onde foram produzidos, não só na lírica portuguesa como também nas outras e principalmente espanhola. O Brasil está ali representado pela figura do índio, Anchieta

¹ Faz-se necessário observar a descrição desse episódio indígena: “As mesmas mães, quando adoeciam seus maridos, iam matando os próprios filhos que deles houeram e, com as carnes destes, quais de carneiro ou galinha, alimentavam o enfermo, enquanto durava o mal [...]” (VASCONCELOS, 1943, p. 39, v. 2).

² “Todos os versos de Anchieta são por pura lógica, de matéria religiosa toda vez que sua escritura vem condicionada por sua personalidade de docente e missionário; não obstante, ainda que em seu horto poético só exista lugar para as flores espirituais, Anchieta é um destro inversor de conceitos e um ágil versificador que se nutre do abandono da tradição profana: os poetas do Cancioneiro lhe servem os núcleos líricos e os paradoxos conceituais da vida, morte que também aproveita os autores místicos”.

deve ser entendido como uma manifestação da cultura medieval no Brasil. Embora não tenha passado pelo momento histórico da Idade Média, o Brasil tomou contato com sua ideologia por meio do texto poético anchietano. Agora, é claro, que com muitas mudanças, com traços novos, visto que o instante era de transição.

O Barroco da Contra-Reforma é o barroco do significado, em que o homem procura respostas, o mundo procura respostas; o barroco americano significa a confluência das línguas, dos ritos, das culturas, das tradições. O conceito novo de barroco criado pelos críticos modernos, como é o caso de Lezama Lima, diz o barroco como a arqueologia do moderno, isto é, há uma reapropriação do passado sendo inscrito no presente. O barroco é curiosidade, é demoníaco, está entre o povo, o índio, o mestiço, mas também está na realeza. Existe uma tensão quando da união de elementos díspares: católicos e indígenas, por exemplo. E nesse barroco inscrevemos as poesias de José de Anchieta, embora todas essas características não estejam tão acentuadas, elas ainda estão maneiras, só se intensificam em outros poetas, como Gregório de Matos.

Anchieta, como um poeta de transição, é um poeta sincrético, põe tudo num só lugar, mas não é uma separação mecânica, ele faz isso como um poeta, no sentido da tensão existente em poesia, no conflito de ideologias.

A INACIO DE AZEVEDO

*Quiso dios que diese vida
al enemigo francés,
la muerte del portugués.*

Con la Virgen en tu mano,
¡oh Ignacio, varón fuerte!
peleaste de tal suerte,
que del hereje tirano
triunfaste con tu muerte.

Recibiste, sin moverte,
cruel y mortal herida,
y con tal victoria habida,
a ti, tu sangrienta muerte
quiso Dios que diese vida.

Jacques Sória te mató,
francés y cruel ladrón,
mas tu vida y tu pasión
creemos que le alcanzó
verdadera contrición.

A la fe de corazón
se redujo, en la vejez,
porque tú, con oración,
ganaste de Dios perdón
al enemigo francés.

Como tenías por guía
a Iesú crucificado,
que, a veces, perdón pedía
para el pueblo, que lo había

en el madero enclavado,

le ruego, muy inflamado,
por tu matador francés.
Él quiere, por ti aplacado,
que gane vida al culpado,
la muerte del portugués. (p. 488-489).

A partir do mote já começa a surgir a idéia de que Deus permite a morte para dela haver vida. Na maioria dos poemas espanhóis de Anchieta, o paradoxo que da morte vem a vida é preponderante. O poeta manipula com esse jogo de idéias a todo o momento. No caso específico do poema *A Inácio de Azevedo* temos como plano de fundo para a poesia o episódio em que um francês mata um português, luta constante no processo de colonização do Brasil. Isto é, Anchieta traz um fato ocorrido naquela realidade, assistido por índios e colonos e o transfere ao texto poético. Mas na poesia, a realidade do fato se desconfigura; mesmo se tratando de um francês Jaques Sória que mata um português (Inácio de Azevedo), o que interessa ao poema é o conjunto de imagens que dele surgem, amparadas a todo instante pelo paradoxo.

É comum notar também que o elemento religioso é muito forte, pois o poeta apresenta o episódio de luta entre franceses e portugueses e ao mesmo tempo faz um paralelo com a história da cruz, da crucificação de Cristo. Ele compara os atos do português ao sofrer a morte com os de Cristo no madeiro. O santo e o pecador se confundem, se mesclam, se misturam por meio de uma linguagem simples – linguagem típica dos Romanceiros Medievais -, com rimas marcantes, cuja sonoridade às vezes mostra a dor do português ao ser cutilado e o clamor de Cristo ao ser crucificado: fuerte/suerte/muerte; moverte/muerte; ladrón/pasión/contrición; corazón/oración/perdón; crucificado/enclavado; inflamado/aplacado/culpado. Os sons promovidos por essas rimas são fechados porque são palavras da língua espanhola que têm uma sonoridade diferente do português, que seria mais aberto. Com isso, a poesia cria um tom obscuro da morte, da guerra, do sofrimento, da dor. Por outro lado existe um conjunto de rimas, com sons diferentes, que dão margem à alegria, à felicidade: herida/habida/vida; guía/pedía/había. Isto significa o jogo paradoxal no mecanismo lingüístico sugerido pelo poema: a morte é pranto, a vida é alegria. Se esse texto fosse proposto a uma pintura veríamos o contraste entre o claro e o escuro, um jogo de luz e sombra, “no Barroco, o claro não pára de mergulhar no escuro”, diz Gilles Deleuze (2000, p. 62). O barroco respira o contraste, a antítese, a dubiedade; com ele, a linguagem recria o espaço do significado através do significante e essa linguagem só é possível na poesia. Quando faz a dobra o Barroco anuncia o momento de circularidade infinita, o começo na verdade é o fim e vice-versa, como afirma Severo Sarduy ([1988?], p. 27-28): “a palavra dobra-se sobre si própria numa figura circular, a da serpente que morde a própria cauda, o começo e o fim trocam-se”.

A poesia anchietana apresenta duas culturas, dois mundos - Espanha e Brasil. Nesse sentido, o canarino junta o Velho e o Novo Mundo, tornando-os um só. Essa união se dá através da poesia com a transmutação de tais culturas e também no encontro das línguas – Anchieta traz os louvores da Espanha para os índios da América. O signo lingüístico espanhol encontra o silvícola no seu primitivismo e se absorve do signo verbal indígena, o que torna a linguagem barroca. Dessa forma, não se pode dizer apenas que Anchieta é um poeta de São Paulo, da Bahia ou do Rio, nem só brasileiro ou

espanhol, ele é em verdade um poeta universal. Sua poesia não aceita o regionalismo, o particular somente; o que ocorre é uma amplitude do regional para o universal, do simples para o erudito. As linhas superficiais de sua poesia podem até criar a noção do simples, do primitivo, do regional, mas as entrelinhas, pelo contrário, abraçam o campo do rigor, do rebuscado, do refinado. Vê-se que ela segue uma ordem pautada pelo Espírito da Literatura; nela percebe-se o encontro do conhecimento dos grandes mestres da poesia, ou seja, a verdadeira poesia desde o princípio se vê ali no poema anchietano. Há um rigor obstinado na construção da poesia que só os verdadeiros poetas podem encontrar. A esse respeito, considera Díaz (1998, p. 11-12):

En el jesuita se produce la insólita circunstancia de que la forma del *hombre* ha silenciado al *literato* el tiempo suficiente para que la memoria histórica sólo asociara a su nombre a la identidad del *evangelizador* y del *beato* y no a la del *poeta* o a la del *dramaturgo*. [...] el Padre Anchieta también formula con su *transcontinentalidad* el viejo debate entre la insularidad o la universalidad.³

Através de sua escrita polilíngüe Anchieta se faz vários, ele reúne o mundo por meio do seu texto, do qual se extraem as regras do humano – o homem é sua essência. Anchieta recontou a história como diz Pedro Calmon (1935, p.41): “a vida de Anchieta é um profuso compêndio de história colonial. É um prefácio, vagamente épico, da cristianização dos povos. É uma experiência, também, da ocidentalização, do mundo”. Anchieta além de provocar uma transcontinentalidade, provoca também uma transregionalidade, uma transdoutrina, uma transsubstancialidade.

Carlos Díaz (1998, p. 12) acrescenta:

Anchieta es, por la concepción y por el sentido de su poesía y de su teatro, *canario* y *brasileño*, pero también portugués y tupí: el sincretismo de su obra polilíngüe lo convierte, asimismo, en el delta de varios afluentes culturales, en la desembocadura de convergentes y ricas tradiciones literarias.⁴

Talvez não a melhor, pois cada uma tem sua singularidade, mas pelo fato de estar em maior número que as outras e ter sido escrita num momento em que Anchieta se dedicou mais ao poeitar, evidencia que foi mais bem trabalhada, estudada. O *corpus* espanhol também se achega mais ao poeta tendo em vista ser sua língua mãe. Vez por outra, observa-se um ar de intimidade nos versos espanhóis. Anchieta volta ao passado que se torna mais presente ainda na poesia, faz o caminho da serpente que engole a própria cauda – é a circularidade. O símbolo máximo do Barroco é o espiral. Numa noção moderna de Barroco, diz-se que ele resgata o passado, mastiga-o e o regurgita no presente. A esse retorno ao passado, às lembranças, dá-se o nome de rememoração. Portanto, com a rememoração feita através da língua, da linguagem, das imagens, o poeta jesuíta cria o encontro entre o passado/presente e o presente/passado, é o Barroco

³ “No jesuíta se produz a insólita circunstância de que a forma do homem silencia o literato o tempo suficiente para que a memória histórica só associasse seu nome à identidade do evangelizador e do beato e não a do poeta ou a do dramaturgo. [...] o Padre Anchieta também formula com sua transcontinentalidade o velho debate entre a insularidade ou a universalidade”.

⁴ “Anchieta é, pela concepção e pelo sentido de sua poesia e de seu teatro, canarino e brasileiro, mas também português e tupi: o sincretismo de sua obra polilíngüe o converte, também, no delta de vários afluentes culturais, na desembocadura de convergentes e ricas tradições literárias”.

e o Moderno. Mas apesar de os poemas castelhanos de Anchieta trazerem certo traço pessoal, nos quais, de certa maneira, afloram seus sentimentos, eles não são individualistas, assim como atesta Eduardo Portella (2005, p. 14-15): “ao expressar o seu universo interior, seus sentimentos pessoais e íntimos, ela não se mostra apegada a qualquer forma de individualismo, porque cede aos apelos do que no poema pertence menos ao seu *eu* que às *circunstâncias*”.

Questiona-se muitas vezes por que Anchieta escrevia em língua espanhola para um público que a princípio não conhecia essa língua. Colonos e índios não tinham tido contato com a língua naquele espaço. O que responde, dentre outras coisas, é que criando textos em sua língua natal, o poeta se aproximava mais do seu passado, a poesia assume, portanto, um caráter intimista. Na verdade, naquela época, no século XVI, no Brasil ainda não havia uma língua oficial, tendo uma mistura de línguas, de culturas.

Por outro lado, o pe. Armando Cardoso S.J. (1984, p. 19) nos considera que era comum naquela época versar em língua espanhola, isto é, era uma língua que estava em ascensão. Não era somente na Espanha que se escrevia em espanhol, mas noutros países, como em Portugal. Assim, conclui:

[...] era moda literária, naquele tempo, para a gente culta portuguesa, conhecer e cultivar o castelhano. Quase todos os nossos poetas principais do século XV e depois deles os quinhentistas, de Gil Vicente até o próprio Camões, compuseram largamente em espanhol.

Então, Anchieta não escrevia em espanhol pura e simplesmente por ser sua língua natal, mas ele estava seguindo uma ordem *imposta* pela literatura, uma imposição do próprio saber literário, pois a literatura fala mais alto. Seja para deleite próprio ou como forma de seguir a tendência da literatura universal, regido por seu Espírito, a poesia espanhola de Anchieta demonstra ser uma poesia de qualidade, sem desmerecer as outras. Dentro desse contexto, acrescenta Armando Cardoso S.J. (1984, p. 20): “O século XV é muito mais rico em lirismo literário. A língua castelhana está em pleno período de aperfeiçoamento: o vocabulário se engrandece com a tradução e imitação dos clássicos latinos e gregos.”

Percebe-se que a língua espanhola tem destaque no século XV, quando se aperfeiçoa e invade os outros séculos com grande afã dentro da literatura dos clássicos. Autores como Gómez e Jorge Henríquez, Álvarez de Villasandino, López Maldonado, Juan Alvarez Gato, Fray Iñigo de Mendonza, Fray Ambrosio Montesinos, entre outros, fizeram parte desse apogeu literário da língua espanhola nos séculos XV e XVI. A partir deles vão surgir os grandes poetas do *Siglo de Oro*⁵, como Fray Luís de Leon, Luís de Góngora, Lope de Vega. A língua espanhola era a língua para falar com Deus. No Colégio dos jesuítas era comum os alunos imitarem os clássicos, assim, desde Coimbra, talvez antes, desde Tenerife, Anchieta teve contato com os poetas clássicos. Muitos estudiosos, por não se aterem a esse fato, alegam que as poesias anchietanas não são autênticas, mas seriam uma cópia desses poetas. O que se diz como contraponto a essa assertiva é o fato de fazer parte da educação dos jesuítas imitar as poesias dos grandes poetas, fazer traduções, etc. Sendo assim, “estudando a sua lírica, temos a impressão de

⁵ “Por *Siglo de Oro* se entiende la época clásica o de apogeo de la cultura española, esencialmente el Renacimiento del siglo XVI y el Barroco del siglo XVII. Fue un periodo de gran florecimiento político y económico en España, que alcanzó un gran renombre y prestigio internacional, durante esta época todo lo ‘nuevo’ en Europa venía de España y era imitado con gusto y aplicación; se puso de moda saber la lengua española.” Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Siglo_de_Oro, acesso em: 23 nov. 07.

que ele, em Coimbra, acompanhava o movimento literário contemporâneo. Lia os Cancioneiros em voga na sua época” (ANCHIETA, 1984, p. 20). A afirmação dada pelo pe. Armando Cardoso S.J. é muito importante para justificar o que se disse aqui sobre as poesias de Anchieta estar ligadas a um circuito literário universal e isso mostra o valor dele enquanto poeta.

Carlos Díaz (1998, p. 33-34), por sua vez, também entende que a escritura de Anchieta em espanhol se deu também porque os clássicos o faziam:

sí concibe la poesía como aquellos lo hicieron: como *instrumento* pedagógico y como *expansión* espiritual. Anchieta, creador polilingüe reserva al español, no en actitud renacentista de dignificación lingüística, sino para estimular “un efecto del arte, como en Gil Vicente, en Camões y en muchos más poetas lusitanos, que prefieren el castellano para traducir las inspiraciones líricas de cierta elevación”.⁶

Mais uma vez compara-se a produção castelhana de Anchieta com a produção de literatos como Gil Vicente e Camões. Para esses homens, que não tinham a língua espanhola como mãe e sim a língua portuguesa, escrever em espanhol significava alcançar um elevado grau de inspiração lírica, isto é, nessa língua era possível obter uma riqueza de imagens muito maior do que na língua portuguesa. Sobre os poemas em espanhol de Anchieta, Jorge R. Seibold S.J. (2001, p. 117) afirma: “en ellos se puede tocar casi con la mano el mundo popular de donde ellos surgen y donde el poeta diviniza y eleva lo profano”.⁷ A respeito do profano na poética espanhola de Anchieta, falaremos melhor adiante. O que se destaca nessa afirmação é a noção de que o texto anchietano promove uma aproximação entre literatura e realidade. O mundo de que se fala é quase palpável no *corpus* poético, e é talvez muito mais perceptível porque está dentro da poesia do que se estivesse em qualquer outro texto.

Luís Roncari (1995, p. 87) descreve:

Anchieta, dependendo do público a quem se dirigia, escrevia em português, latim, castelhano ou tupi, ou numa combinação dessas línguas. Desse modo, podia escrever para as diferentes camadas da população que se reunia em diferentes espaços: nas reduções, onde se dirigia aos índios, nas igrejas e cidade, onde se encontrava a população de colonos, e nas salas dos colégios, dirigindo-se principalmente aos estudantes, demais membros da Companhia de Jesus e visitantes letrados.

É notório, na maioria dos estudiosos da poética espanhola de Anchieta, dizer que nela o poeta é mais subjetivo, deixando o *eu* transparecer com mais força, buscando os elementos mais íntimos e revelá-los àquela comunidade através dos seus versos.

⁶ “[ele] sim concebe a poesia como aqueles o fizeram: como instrumento pedagógico e como expansão espiritual. Anchieta, criador polilingüe reserva ao espanhol, não numa atitude renascentista de dignificação lingüística, senão para estimular ‘um efeito da arte, como em Gil Vicente, em Camões e em muitos outros poetas lusitanos, que preferem o castelhano para traduzir as inspirações líricas de certa elevação’”.

⁷ “Neles se pode tocar quase com a mão o mundo popular de onde eles surgem e onde o poeta diviniza e eleva o profano”.

O primeiro tema que merece destaque na lírica anchietana é a mescla de dois elementos antagônicos: o santo e o profano. Ou seja, o fato de essa poesia apresentar em sua essência as marcas da religião não implica em que o profano não possa estar presente e isso é tão intrínseco que muitas vezes não é possível delimitar onde termina um e começa o outro; o limite entre os dois pólos antagônicos é quase imperceptível, a fronteira entre o popular e o litúrgico é mínima. Com o fim de catequizar o índio, o beato precisou trazer a cultura indígena para dentro da cultura católica; ele, mais das vezes, promoveu uma adequação dos ritos católicos aos ritos indígenas.

Essa fusão se configura por meio do contexto barroco em que está inserida a catequese. Tudo surge num ambiente propício ao paradoxo. Os contrários, que antes se afastavam, na poesia se aproximam e se misturam. Logo, essa aproximação não é apenas figurativa, no campo das palavras, mas é real no campo da significação: dois mundos, duas nuances – um mundo, um real. Na sua poética, Anchieta trabalha com elementos paradoxais, na tentativa de aproximar o humano e o divino, a fé atinge o nível da experiência, experiência viva.

Essa tentativa acontece, por exemplo, no poema *De Vita Christi* (p. 449-455) em que há a descrição da vida de Cristo, como numa espécie de documentário ou mesmo biografia. O humano e o divino se aproximam, se misturam. Aquele que é *santo* vira homem e o que é *pecador* vira um deus. Os papéis são invertidos, instaura-se o mistério da encarnação, que é a dimensão intimamente crística de toda a Criação. É por meio de Cristo que todas as coisas foram criadas e é por seu intermédio que todas as coisas retornam a Deus Pai, o único princípio e fim da Criação. Isto está representado hoje por meio da Eucaristia. O rito eucarístico prefigura nossa realidade última, nosso futuro, por meio da fé, ou seja, é um símbolo do que virá, do que acontecerá no futuro, de acordo com a bíblia cristã. Por meio da hóstia consagrada que é comida pelo homem, revela-se o Mistério da Encarnação, pois ali está, para a Igreja Católica, a representação do corpo de Cristo, tanto é que ao entregá-la ao fiel, o padre diz “corpo de Cristo”, esse corpo é o significado. Neste ato representa-se a união da pessoa humana à história inteira da humanidade. Revela-se o mistério, o corpo de Cristo na hóstia traz ao homem a divindade perdida no Éden e portanto renovam-se os laços entre os dois mundos – o sagrado e o profano:

En la Virgen, siendo Dios,
os queréis hombre hacer,
para los hombres volver
dioses, unidos con vos.
Pues queréis a vos atarnos
con amor,
*no dejéis al pecador
maltratarnos.*

Ocorre, aqui, por conseguinte, uma metamorfose do Deus transformado em homem. Anchieta também cria por um processo metonímico, a metamorfose do índio. As prerrogativas que o poema elucida para a transformação do homem devem ser transferidas todas para o indígena, que com a evangelização feita pelo jesuíta, ele deveria ser transformado num outro homem. Contudo, a história da colonização nos diz que Anchieta precisou *catequizar* também o homem branco, o português, visto que este, mesmo sabedor da doutrina cristã, andava na via contrária. Portanto, era muito difícil

ensinar ao índio que sua poligamia era maldição aos olhos de Deus, se o branco assim o fazia.

No poema *São Tomé de Mira* (p. 464-465), o homem humaniza Deus através da hóstia, ou seja, um pão pequeno que lhe serve de *alimento* – o homem engole Deus. Mais uma vez Anchieta representa a Eucaristia, que é nesse sentido um ato antropofágico. E o verbo se fez carne e habitou entre nós – o discurso bíblico revela essa antropofagia. O homem fica resumido na metáfora de Deus. É o barroco do significado, pois Anchieta veicula Deus mesmo estando inserido num mundo onde não se “conhecia” Deus:

!oh Dios infinito,
por nos humanado,
véoos tan chiquito
que estoy espantado!

Os versos aqui são lúdicos, líricos, há uma paródia ao ato eucarístico. A metáfora destroniza Deus e a revelação de sua pequenez causa espanto. A grandeza do santo se queda pequena diante do pecador (o profano). Ao comer a hóstia, o homem traga a Deus e, portanto se transforma num deus também, o que é uma ironia. Anchieta traz o sagrado para o plano do cotidiano indígena:

Estáis cerrado
em lugar estrecho,
porque en nuestro pecho
queréis ser guardado.

Das alturas celestiais desce Deus para um lugar fechado e estreito e o homem sobe às alturas para habitar os prados verdes de bonança e fartura. O imaginário católico descreve dentro do corpo poético os pólos da santidade trazidos pelo *santo* e a *profanidade* doado pelo profano:

Hame enamorado
vuestra gracia y nombre,
pues os come el hombre,
de un solo bocado

Tirando os pedaços da doutrina, Anchieta cria um deslocamento de sentido. A cada sintagma corresponde um novo sentido. É preciso entender o que é cada um – homem e Deus – para depois juntar as idéias da transformação dentro da poesia. Isidoro Blikstein (apud JAKOBSON, 2003, p. 12) assim elucida: “toda expressão metafórica se faz pela substituição de paradigmas, ao passo que a expressão metonímica deriva da associação de paradigmas a formar sintagmas”. Não basta apenas considerar que Deus é santo e o homem profano, aí estaríamos no plano da metáfora - o eixo paradigmático; é preciso, porém, compreender como e por que o homem é profano e Deus é santo, a que ideologias estão atreladas as respostas e assim faríamos as associações, o que prega a metonímia – plano sintagmático.

Mesmo querendo fazer do índio um igual, Anchieta o fez um diferente, foi formando uma nova identidade. Até ele mesmo se fez diferente, símbolo barroco do

bem e do mal. Anchieta se transformou num místico nas malhas do ambiente barroco brasileiro, seu misticismo alcançou o auge.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, Joseph de, S.J. **Lírica espanhola**. Introdução, notas e tradução versificada Pe. Armando Cardoso, S.J. São Paulo: Loyola, 1984. (Tomo II).

_____. **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990. (Obras Completas, 11).

_____. **Poesias**. Transcrições, traduções e notas de Maria de Lourdes de Paula Martins. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1989. (Biblioteca básica de literatura brasileira, v. 3).

CALMON, Pedro. **Anchieta: o santo do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1930.

CARDOSO, Armando S.J. **Anchieta: mensageiro da vida**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

DÍAZ, Carlos Britto. **Poesías líricas castellanas**. [S.l.]: Instituto de Estudos Canários, 1998.

PORTELA, Eduardo. **José de Anchieta: poesias**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

RONCARI, Luis. **Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. São Paulo: USP, 1995.

SEIBOLD, Jorge R. S.J. La sagrada escritura en la evangelización de Brasil, en los centenarios del Beato José de Anchieta y del Padre Antonio Vieira. In: KONINGS, Johan. (Org.). **Anchieta e Vieira: paradigmas da Evangelização no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2001. p. 97-149.

SIGLO DE ORO. Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Siglo_de_Oro, acesso em: 23 nov. 07.

VASCONCELOS, Simão de. **Vida do venerável Padre José de Anchieta**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. 2. v.